



# O mundo do fim para crianças, adolescentes e jovens

**Daniel Pércles Arruda**

Universidade Federal de São Paulo, Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde, São Paulo, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-8347-8215>

“[...] Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída”.

(Paulo Freire)

Em 2024, comemorou-se o ciclo de 10 anos de existência do periódico *DESIDADES: Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude*, implementado pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC), vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Para enaltecer esse marco, em abril de 2024, ocorreu a *Jornada Comemorativa dos 10 anos da Revista* com a temática *Viver no fim do mundo?: Crianças e jovens em um mundo de esperanças e destroços*. E, como um dos desdobramentos dessa atividade, elaborei este artigo.

Ao pensar os significantes “fim”, “mundo”, “esperança” e “destroços”, bem como sobre crianças, adolescentes e jovens, surgem aspirações que apresento neste artigo, inicialmente, com base em dados estatísticos recentes que constituem e demonstram o aspecto quantitativo em que se encontra parte significativa desses sujeitos, ou seja, o que poderia ser ou que simboliza, hoje, o “fim do mundo” para eles(as).

Com a finalidade de dialogar com essa metáfora, baseio-me também na pesquisa qualitativa de caráter documental e na análise temática (SEVERINO, 2007) de seis letras de músicas de rap que retratam especificidades das infâncias, adolescências e juventudes periféricas, sendo essas as mais afetadas pelas diversas desigualdades e violências existentes no país (ARRUDA, 2020). A saber: *Mágico de Oz* (1997), dos Racionais MC's; *Marcas da Adolescência* (1998), do Visão de Rua; *12 de Outubro* (1999), do Facção Central; *Anjo sem Asas* (2007), do Expressão Ativa; *Depósito dos Rejeitados* (2014), de Eduardo; e *Jovens Invisíveis* (2023), de Vulgo Elemento.

Apoiando-me principalmente no referencial teórico das músicas e, poeticamente, apresento ainda o desenvolvimento dos resultados obtidos na pesquisa com o propósito de, a partir do tema disparador: “fim do mundo”, contribuir para outros caminhos possíveis na perspectiva de agregar valor e importância ao tema. Quer dizer, reflexões sobre o que chamo de “mundo do fim”, sem a pretensão de encerrar e tampouco esgotar o conteúdo.

Além disso, retomando a epígrafe de abertura, busco também refletir sobre a necessidade de águas despoluídas para os peixes que serão apresentados: crianças, adolescentes e jovens. Com o cenário desigual, complexo, conflitivo e turvo, não há esperança, no sentido do verbo esperar, que possa suportar. Por outro lado, o verbo “esperançar” anuncia possibilidades para criar e continuar a luta, como nos ensina Freire (1997/1992). Por isso, aqui estamos!

## Crianças, adolescentes e jovens no Brasil atualmente

É fato que há um número expressivo de crianças, adolescentes e jovens no Brasil que são vitimados diariamente por múltiplas modalidades de violências, como casamento na infância, abuso e exploração sexual; trabalho infantojuvenil; *bullying*; intolerância religiosa; violência praticadas por agentes estatais (GUIMARÃES; OLIVEIRA, 2024); racismo; homofobia; transfobia; bem como a inexistência, fragilidade ou o não acesso às políticas públicas. Sobre este último, exemplificando, das 20 metas e suas respectivas estratégias estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014), para o período de 2014 a 2024, somente quatro foram parcialmente efetivadas (PALHARES, 2024).

Outras fontes apresentam dados alarmantes. No primeiro semestre de 2024, o Disque Direitos Humanos (DISQUE 100), ligado ao Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, registrou 289.920 denúncias sobre violações de direitos. Considerando que cada denúncia pode envolver uma ou mais violações de direitos humanos, foram 1.904.094 violações no semestre. Na primeira posição, 122.503 denúncias (705.091 violações) se referem a alguma modalidade de violência contra crianças ou adolescentes. Sobre o estupro de vulnerável<sup>1</sup>, a plataforma registrou 10.522 denúncias, o que corresponde a 14.428 violações.

O Atlas da Violência (2024) aponta que, dos 46.409 homicídios registrados no país em 2022, 49,2% são jovens entre 15 e 29 anos de idade. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes no Brasil é de 46,6. Os estados com as taxas mais altas são: Bahia (117,7); Amapá (90,2); Amazonas (86,9); e Alagoas (78,8). Já os estados com as taxas mais baixas são: Minas Gerais (25,6); Distrito Federal (19,3); Santa Catarina (13,3); e São Paulo (10,8).

Em 2022, foram registrados no país 147 homicídios de crianças com idade entre 0 e 4 anos; 348 homicídios de crianças e adolescentes de 5 a 14 anos; e 5.220 homicídios de adolescentes e jovens de 15 a 19 anos (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2024).

Esses dados são proporcionais e devem considerar a quantidade e a referência populacional de cada estado, além dos impactos qualitativos da leitura crítica da realidade em relação à expressão midiática dos casos de violência e à experiência vivenciada pelos(as) habitantes em cada território.

Com base em um levantamento realizado no ano de 2022, e disponibilizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), o país registrou o maior número de estupros até então, 74.930 vítimas, sendo 18.110 estupros e 56.820 estupros de vulnerável. Das vítimas, 88,7% são do sexo feminino e 11,3% do sexo masculino; 56,8% são negras (a soma-tória de pretos e pardos), 42,3% brancas, 0,5% indígenas e 0,4% amarelas. A faixa etária mais acometida, com 61,4%, é a de 0 a 13 anos.

Esses dados chamam a atenção para a atual tramitação do Projeto de Lei (PL) nº 1.904/2024 (BRASIL, 2024), que visa alterar o Código Penal brasileiro (BRASIL, 1940), equiparando o aborto após 22 semanas de gestação (cinco meses) ao crime de homicídio.

---

<sup>1</sup> O estupro de vulnerável, previsto no Código Penal brasileiro (BRASIL, 1940), precisamente no artigo 217-A, com redação atualizada pela Lei nº 12.015/2009 (BRASIL, 2009), trata-se de conjunção carnal ou ato libidinoso com adolescente de idade inferior a 14 anos, mesmo que o(a) adolescente manifeste vontade própria. Ademais, o estupro de vulnerável implica também tais ações contra alguém que não possui condições necessárias para discernimento, estando, portanto, em condição vulnerável.

Mesmo em situação de gravidez resultante de estupro, a proposta prevê que a interrupção não será permitida após o respectivo prazo. Antecedendo o PL, em abril de 2024, o Conselho Federal de Medicina (CFM) divulgou a Resolução nº 2.378/2024 (CFM, 2024), que veda ao médico a realização do procedimento de assistolia fetal<sup>2</sup> em situações de aborto em decorrência de estupro a partir de 22 semanas. Tais posições criminalizam pessoas vítimas de estupro, apresentando-se de forma impositiva, eliminando o poder de decisão das vítimas, colocando-as como responsáveis pela violência sofrida e contribuindo para a continuidade da prática do estupro.

Sobre o trabalho infantojuvenil, em 2022, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), havia no país 1,9 milhão de crianças e adolescentes com idades entre 5 e 17 anos nessa situação. Desses, 23,9% tinham idades entre 5 e 13 anos; 23,6%, entre 14 e 15 anos; e 52,5%, entre 16 e 17 anos.

Todos esses dados retratam as estatísticas da tragédia, resultado de uma sociedade que, em parte significativa, entende a violência como uma solução para os dilemas sociais e pessoais. E a ausência de cidadania reflete a falta de cuidado (LARA; CASTRO, 2021). Ademais, esses dados seriam consideravelmente maiores se não fosse a subnotificação.

Vale destacar as taxas de crianças, adolescentes e jovens pardos e pretos. Aspectos a serem pautados e aprofundados no âmbito científico, nas políticas públicas e na sociedade, pois refletem marcas estruturais de uma sociedade historicamente fundada nos mecanismos da escravização, que ainda não foram totalmente eliminados.

Assim, o “fim do mundo”, para crianças, adolescentes e jovens, não se expressa somente em números, mas também, nessa ótica, é constituído pelo estado de desamparo, pela ausência de alteridade, pela falta de amor, atenção, cuidado, escuta, incentivo e recurso material voltados para um desenvolvimento digno. E é com auxílio do *rap*, que seguiremos no próximo tópico para destacar pistas sobre os mecanismos das violências contra esses sujeitos.

## As narrativas do rap entre o fim e o mundo

A música *rap* apresenta perspectivas profundas acerca de diversos temas, incluindo o que trato aqui. Seguindo os pressupostos de Severino (2007), os procedimentos metodológicos basearam-se na pesquisa qualitativa de caráter documental (músicas) e da análise temática (investigação do material para apreender o teor de sua mensagem). Nessa perspectiva metodológica, considera-se que os conteúdos “[...] ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise” (SEVERINO, 2007, p. 122-123).

Foram selecionadas seis músicas de *rap*, não com base em sua temporalidade, mas a partir dos critérios: a) produções sobre temas voltados para as infâncias, adolescências e juventudes no Brasil; b) apresentação de elementos que possam contribuir para a reflexão da metáfora “fim do mundo”; e c) conteúdos voltados para a expressão de desigualdades e demais sofrimentos.

---

<sup>2</sup> A assistolia fetal – nome do procedimento médico –, é recomendada pela World Health Organization/Organização Mundial da Saúde (WHO, 2023), nos casos de interrupção da gestação acima de 20 semanas.

Em *Anjo sem Asas* (2007), do grupo Expressão Ativa, é retratada a situação de uma criança em situação de rua. Dentre várias dificuldades enfrentadas em uma sociedade que “Se quem tem nome nobre não tem pena de menino pobre” (ANJO SEM ASAS, 2007), o menino, referido como “anjo”, mas sem asas para voar, demonstra que “Essa é a vida de quem vive atrás de um sonho/ Não é fácil ser um anjo crescendo entre demônios/” (ANJO SEM ASAS, 2007). Os sonhos, por si sós, não garantem realizações; há aqueles que estão ao seu redor. O que leva a considerar que “Infelizmente, hoje é assim/ Crianças maltratadas vira adolescente tão ruim/ Por isso, então, não esquece não, tem um anjo em seu portão batendo palmas/ Continua batendo palmas/” (ANJO SEM ASAS, 2007).

O menino-anjo pede por atenção. A sonoridade de suas palmas imita a campainha na expectativa de ser correspondido, de ver o portão se abrir. Esse portão pode ser o da casa, o portão simbolizado no vidro fechado do carro parado no semáforo, ou o portão do preconceito e da indiferença que lhe faz sentir invisível (SOARES; MV BILL; ATHAYDE, 2005). Um detalhe essencial, é que um dia esse anjo teve asas, mas hoje não mais, porque “Anjos crescem e perdem as asas, na revolta invadem as casas/ Naquele mesmo portão onde um dia batia palmas/ Se a vida é um carma, talvez, um dia ele volta/ Com uma bíblia ou com uma arma/” (ANJO SEM ASAS, 2007).

Em *Depósito dos Rejeitados* (2014), de Eduardo – ex-integrante do grupo Facção Central –, o cenário é de uma criança negra que se encontra em um Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA). Frente aos desafios para ser adotado, considera que “Pro bebê loiro é adoção, direito à infância/ Pro negrinho, colaborador mensal a distância/” (DEPÓSITO DOS REJEITADOS, 2014). Esse dado de realidade é a síntese expressa no refrão da música: “Eu me sinto produto descartável/ Desprezado no Depósito dos Rejeitados/ Esperando alguém pra chamar de pai/ Esperando alguém pra chamar de mãe!” (DEPÓSITO DOS REJEITADOS, 2014).

A realidade de muitas crianças nessa modalidade de acolhimento não é positiva. Sabe-se que há pretendentes à adoção que priorizam *perfil* específico, como criança recém-nascida, branca, sem irmãos, sem “deficiência” e sem problemas de saúde. Assim, a criança personagem da música vê seu mundo reduzido e acredita que “Só sirvo pra ser anexado no projeto/ Que angaria verba pública no congresso/ Ninguém se importa se eu me cubro com farinha de trigo/ Tentando me clarear pra atender racista rico/” (DEPÓSITO DOS REJEITADOS, 2014). Ou seja, o personagem sabe que não é desejado em razão de sua cor de pele, e a estratégia é tentar fazer-se parecer branco.

Em um contexto institucional deplorável, as manipulações são frequentes e não visam ao interesse ético de promover a convivência familiar e comunitária. Como expressa o trecho: “É foda só saber o que é higiene, carinho e sorriso/ Quando o promotor de justiça visita o abrigo/” (DEPÓSITO DOS REJEITADOS, 2014).

Na música *12 de Outubro* (1999), do grupo Facção Central, há mais uma narrativa impactante. A escolha da data que simboliza o Dia das Crianças é irônica, pois, no enredo da música, essa data, em especial, não oferece motivos para comemorar. Surge a indagação sobre a vida: “O que eu vou ser quando crescer? / Quer dizer, se eu crescer, se eu não morrer/ Um assaltante de banco, um assassino/ Descarregando minha PT no seu filho/” (12 DE OUTUBRO, 1999). A morte ou a prática de atos infracionais são possibilidades, pois “O Brasil não me respeita, quer me ver morrer/ Quer um preso a mais, por que que eu fui nascer? /” (12 DE OUTUBRO, 1999).

A música *Marcas da Adolescência* (1998), do grupo Visão de Rua, aprofunda os conflitos existentes nessa fase. Em primeira pessoa, Dina Di (1976-2010) analisa a adolescência:

Ainda ontem um mano meu me flagrou abatida/ É, no bar embriagada se entregando  
as bebida/ Vivendo um pesadelo em pleno mês de carnaval/ Provando do veneno  
depressivo e pessoal/ Emagrecia a cada dia, mal comia e só fumava/ Querendo  
resgatar o que já era, não dava/ O amor acaba, o lar desaba, abala os filhos a mente/  
E a recuperação é lenta, a dor clara, evidente/ (MARCAS DA ADOLESCÊNCIA, 1998).

Às vezes, as relações afetivas causam situações difíceis de serem percebidas, controladas ou compreendidas, inclusive, para adolescentes que estão em contextos que implicam responsabilidades e respostas as quais ainda não dispõem de recursos subjetivos e materiais de enfrentamento. Essas experiências podem ser revistas em outro momento da vida, pois, como anunciado no refrão: “O mundo dá tantas voltas, gera problemas/ As consequências, eu já senti, marcas da adolescência/” (MARCAS DA ADOLESCÊNCIA, 1998).

Outro aspecto abordado é a gravidez na adolescência e seus significados. A música relata a experiência de quem cuidou sozinha de seu filho e direciona o discurso para o pai da criança, afirmando-se que “[...] Eu sou a mãe do seu filho, que você nem viu crescer/ Nunca se quer deu valor, nunca se quer quis saber/” (MARCAS DA ADOLESCÊNCIA, 1998).

Em outro cenário, *Mágico de Oz* (1997), na voz de Edi Rock, Racionais MC’s, reflete a situação de um adolescente em situação de rua. Na introdução, Pulga do ABC relata:

“Comecei usar pra esquecer dos problemas/ Fugi de casa/ Meu pai chegava bêbado e me batia muito/ Eu queria sair desta vida/ Meu sonho?/ É estudar, ter uma casa, uma família/ Se eu fosse mágico?/ Não existia droga, nem fome e nem polícia/”.

Quando questões fundamentais são tratadas enquanto sonhos, como estudar, ter uma casa e uma família, isso é a prova de que a sociedade não vai bem, pois esses são direitos básicos. O adolescente gostaria de ser escutado para alcançar os seus sonhos e expressa: “Querida que Deus ouvisse a minha voz (que Deus ouvisse a minha voz)/ No Mundo Mágico de Oz (no Mundo Mágico de Oz)/” (MÁGICO DE OZ, 1997).

Estando nas ruas, a vulnerabilidade se amplia, trazendo outras leituras, como sobre o uso de drogas. Porque “A noite chega, e o frio também, sem demora/ E a pedra, o consumo aumenta a cada hora/ Pra aquecer ou pra esquecer, viciar/ Deve ser pra se adormecer, pra sonhar/ Viajar na paranoia, na escuridão/ Um poço fundo de lama, mais um irmão/” (MÁGICO DE OZ, 1997).

Para muitos adolescentes em situação de rua, o crescimento ocorre diferente, pautado pela sobrevivência. É possível ver “[...] Moleque novo que não passa dos doze/ Já viu, viveu, mais que muito homem de hoje/” (MÁGICO DE OZ, 1997). Devido ao preconceito e ao estigma, principalmente nas grandes cidades, esses sujeitos recebem a culpa de toda violência ocorrida no país. E ainda “[...] Se diz que moleque de rua rouba/ O governo, a polícia, no Brasil quem não rouba?/ Ele só não tem diploma pra roubar/ Ele não esconde atrás de uma farda suja/ É tudo uma questão de reflexão, irmão/ É uma questão de pensar/” (MÁGICO DE OZ, 1997).

Em relação às juventudes periféricas, a música *Jovens Invisíveis* (2023), de Vulgo Elemento, problematiza os processos de inviabilização, sobretudo, em uma sociedade onde se diz que:

“O jovem é isso, o jovem é aquilo”, maluco, essa fita enche o saco/ Tem que se ligar, perguntar, não julgar, pois, do vidro, não somos o caco/ Jovens invisíveis, pelo preconceito, têm classe, têm gênero e raça/ Segura a bolsa, muda de calçada, seu medo, madame, que te ameaça (JOVENS INVISÍVEIS, 2023).

De fato, como é possível localizar nos dados estatísticos e na pura realidade social, o endereçamento da invisibilidade tem alvo, operando consciente e inconscientemente. E por que a música os chama de invisíveis? Porque, de acordo com Soares, MV Bill e Athayde (2005) e Soares (2006), essa é uma das estratégias da sociedade para condená-los moral e simbolicamente, impossibilitando a perspectiva de futuro. Também, porque:

[...] São invisíveis: você olha, mas não vê/ E se vê, não se preocupa, não sabe o porquê/ São invisíveis: você sente, mas não toca/ Não se toca, que o jovem não curte o que sufoca/ Indivisíveis: andam em grupos ou sozinhos/ Se afirmam como podem, inclusive, nos rolezinhos/ Indivisíveis: estão nas praças e nas ruas/ Muitos deles, nessa altura, deitados nas sepulturas (JOVENS INVISÍVEIS, 2023).

As narrativas das músicas demonstram o desejo de sujeitos que tentam sobreviver, pois não estão no fim, mas já passaram da fronteira da desproteção. Isto é, o sofrimento causado pelas violências torna-se um terreno ofensivo e adverso para que possam construir um mundo sem tantos obstáculos. Assim, a metáfora “fim do mundo” ganha sustentação à medida que abre veredas para outras interpretações, como o “mundo do fim”, o que será apresentado a seguir.

## O “fim do mundo” e o “mundo do fim”

A metáfora “fim do mundo” é relevante e vasta, pois nos leva a refletir sobre seus sentidos e significados, especialmente por ser uma expressão comumente utilizada na linguagem popular, tendo-a, basicamente, como término de um processo ou ciclo. Em outras áreas, a expressão também é utilizada, ou estudada, como na religião e na filosofia a respeito da finitude humana.

Já o “mundo”, por ser amplo, abre passagem para múltiplas definições. Ele relaciona-se ao momento peculiar de desenvolvimento de cada um e pode ser referenciado ou traduzido como bolsa amniótica, útero, peito, berço, colo, quarto, casa, bairro, cidade, estado, país, o encontro com o outro, e as relações familiares. Em termos gerais, são vários mundos no mundo. Complexo, ele pode referir-se também ao mundo interno, singular, o inconsciente, aos desejos, e aos registros das experiências de prazer e traumáticas de cada sujeito. Falar em “mundo” implica o jeito que o sujeito consegue e/ ou tem para se situar e viver. Por exemplo, para alguns jovens que atendi em serviços das políticas públicas, ou na clínica psicanalítica, o termo mundo comumente aparece e com definições singulares, seja como o modo de entender a vida, o bairro em que mora, o quarto em que se refugia, os sonhos, as angústias. Um modo de localização geográfica e também subjetiva.

Desse modo, o “fim do mundo” relaciona-se ao que o sujeito fez, ou deixou de fazer, em suas *conquistas* e *derrotas*, até o momento em que o mundo acabará, na ótica popular (aqui, na alusão, o fim do mundo físico e coletivo é o fim para todos), ou quando o sujeito acabará para o mundo (um término particular, pois o mundo continuará para os outros). De modo geral, o “fim do mundo”, portanto, expressa a noção de que determinado fato está acabando, ou findou-se. Ou seja, que a vida acabou.

Segundo Freud (2011/1930, p. 93): “Atualmente os seres humanos atingiram um tal controle das forças da natureza, que não lhes é difícil recorrerem a elas para se exterminarem até o último homem”. E a luta presente é contra esse controle. Uma vez que os seres humanos não precisam de muito esforço para se destruírem, pois as expressões das violências estão nas relações sociais, praticadas e acometidas de múltiplas maneiras. E o modo da relação do sujeito com o social e a cultura pode produzir importantes traumas. Mesmo com o balizamento do pacto social, das leis de estado ou simbólicas.

Porém, mesmo assim, a noção de “fim do mundo” não para por aí; abre passagem para outra dimensão, o “mundo do fim”, exemplificado em um trecho da música “O bagulho é doido” (2006), do rapper MV Bill (ARRUDA, 2020). Ao retratar a condição de adolescentes e jovens no tráfico de drogas, MV Bill apresenta breve narrativa de um adolescente: “Se eu morrer, nasce outro que nem eu ou pior, ou melhor/ Se eu morrer eu vou descansar/ Ah, sonhar, nessa vida não dá pra sonhar, não/ Amanhã, eu não sei nem se eu vou tá aí!” (O BAGULHO É DOIDO, 2006).

A partir desse trecho, indaga-se: Por que as violências contra crianças, adolescentes e jovens no Brasil persistem? Esse é o ponto. Chegamos em uma das questões centrais desse debate. Com base nos dados estatísticos e da significativa contribuição das músicas, observa-se que não são somente as trajetórias de sofrimento que continuam, mas os seus alçozes, porque também são geracionais. As repetições de violências nutrem o chamado aqui de “mundo do fim”, ou seja, o resultado do processo de banalização e, até mesmo, de investimento público ou privado, que transforma as desigualdades e demais violações em um modo de vida hostil, tornando o fim em um mundo, um modo de sobrevivência, o “mundo do fim”. Nessa ótica, principalmente, é relevante atentar-se às condições e às maneiras que os sujeitos se posicionam e como lidam e expressam suas respostas frente ao contexto violento. Os que estão no “mundo do fim”, simbolicamente, já morreram, mas, por outro lado, emitem sinal de vida reagindo aos processos de invisibilização (SOARES; MV BILL; ATHAYDE, 2005), por exemplo. Seja por meio do trabalho, da educação e da arte.

A arte, em especial, e as letras de *rap* investigadas apontam também para a necessidade de subversão, que dizer, *superar* a violência, transformar a condição imposta e se afirmar enquanto sujeito, *superando*, assim, esses dois tipos de mundo, e construir um mundo sensível, atuante e reflexivo, contra as violências, assim como apresentado pelas produções artísticas indicadas aqui. Nessa lógica, o “fim” pode estar perto do começo de outros processos; o que parece fim, pode estar na fronteira da transformação.

## Considerações finais

A reflexão sobre o “fim do mundo” e o “mundo do fim” indica que é possível subverter os processos de violência contra crianças, adolescentes e jovens, assim como construir um mundo diferente. Baseando-se na esperança no sentido criativo da ação e, inclusive, nos destroços que, em diversas situações são utilizados como e para a arte; como nos casos do Mosaico e do *Kintsugi* (técnica milenar japonesa utilizada para reparar cerâmicas quebradas).

Outros exemplos envolvem os restos de acidentes ocorridos ou objetos que caem no mar, aos quais pessoas se agarram para salvar suas vidas. A partir dos destroços podemos explicar um acidente aéreo e elaborar algo diferente. É do grão destrozado que nasce o trigo.

Os dados estatísticos sobre esses sujeitos demonstram como as violências estão enraizadas na cultura, tornando-se expressões cotidianas e, até mesmo, banalizadas. As músicas selecionadas para a pesquisa expressam a voz desses sujeitos, suas condições peculiares e seus sofrimentos, tornando a experiência de vidas destroçadas em narrativas musicais que potencializam sonhos e esperanças de muitos sujeitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJO SEM ASAS. Intérprete: MP. Expressão Ativa. Compositor: MP. Expressão Ativa. In: **Justiça virá**. São Paulo, 2007. CD, faixa 7.
- ARRUDA, D. P. Sujeitos periféricos como metáfora da violência: reflexões a partir da música “O bagulho é doido”, do rapper MV Bill. **Argumentum**, v. 12, n. 3, p. 35-42, 2020.
- ATLAS DA VIOLÊNCIA. Coordenadores: Daniel Cerqueira; Samira Bueno. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA): Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 2024.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 7 dez. 1940.
- BRASIL. Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o Art. 10 da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do Art. 50 da Constituição Federal e revoga a Lei no 2.252, de 10 de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. Brasília. **Diário Oficial da União**, 7 ago. 2009.
- BRASIL. Lei no 13.005, 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 25 jun. 2014.
- BRASIL. **Projeto de Lei no 1.904, de 17 de maio 2024**. Gabinete do Deputado Federal Sóstenes Cavalcante. Brasília: Câmara dos Deputados, 2024.
- CFM – CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução no 2.378, de 03 de abril de 2024**. Regulamenta o ato médico de assistolia fetal, para interrupção da gravidez, nos casos de aborto previsto em lei oriundos de estupro. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 2024.
- DEPÓSITO DOS REJEITADOS. Intérprete: Eduardo. Compositor: Eduardo. In: **A fantástica fábrica de cadáver**. São Paulo, 2014. CD duplo, faixa 3 do CD I.
- 12 DE OUTUBRO. Intérprete: Eduardo. Fação Central. Compositor: Eduardo. Fação Central. In: **Versos sangrentos**. São Paulo, 1999. CD, faixa 3.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Ano 17.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997 (Original de 1992).
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics: Companhia das Letras, 2011 (Original de 1930).
- GUIMARÃES, R. T. D. S.; OLIVEIRA, A. P. Lutos e lutas por justiça: relatos de uma mãe sobre a morte de seu filho em virtude da ação violenta do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Desidades: Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude**, v. 11, p. 211-225, 2024.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Trabalho de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade: 2016-2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- JOVENS INVISÍVEIS. Intérprete: Vulgo Elemento. Compositor: Vulgo Elemento. In: **Jovens invisíveis**. São Paulo: Ser Humanus, 2023, CD, faixa 1.

- LARA, J. S. D.; CASTRO, L. R. D. Children's responsibilities in a Brazilian community: Citizenship as care practices. **Global Studies of Childhood**, v. 13, n. 1, p. 5-15, 2021.
- MÁGICO DE OZ. Intérprete: Edi Rock. RACIONAIS MC's. Compositor: Edi Rock. Racionais MC's. In: **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. CD, faixa 10.
- MARCAS DA ADOLESCÊNCIA. Intérprete: Dina Di e Tum. VISÃO DE RUA. Compositoras: Dina Di e Tum. Visão de Rua. In: **Herança do vício**. São Paulo, 1998. CD, faixa 2.
- O BAGULHO É DOIDO. Intérprete: MV Bill. Compositor: MV Bill. In: **Falcão: o bagulho é doido**. Rio de Janeiro: Universal Music. Chapa Preta, 2006. CD, faixa 2.
- PALHARES, I. Das 20 metas do Plano Nacional de Educação, só 4 foram ao menos parcialmente cumpridas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 jun. 2024.
- RELATÓRIO ANUAL DO DISQUE 100. **Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 19 jan. 2024.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOARES, L. E. **Legalidade libertária**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.
- SOARES, L. E.; MV BILL; ATHAYDE, C. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- WHO – World Health Organization. **Clinical practice handbook for quality abortion care**. Geneva, 2023.

**Resumo** A finalidade deste artigo é apresentar reflexões sobre as condições de crianças, adolescentes e jovens no Brasil a partir da expressão “fim do mundo”. Com base no referencial teórico interdisciplinar e na pesquisa qualitativa de caráter documental de seis músicas de *rap*, evidencia-se que a violação de direitos fundamentais atua concreta e simbolicamente, o que nos faz identificar caminhos, como na arte, para subverter as violências e os sofrimentos que acometem esses sujeitos.

**Palavras-chave:** adolescência, infância, juventudes periféricas, *rap*, violência.

### **El mundo del fin para niños, adolescentes y jóvenes**

**Resumen** El propósito de este artículo es presentar reflexiones sobre las condiciones de los niños, adolescentes y jóvenes en Brasil a partir de la expresión “fin del mundo”. A partir del marco teórico interdisciplinario y la investigación documental cualitativa de seis canciones de *rap*, es evidente que la violación de los derechos fundamentales actúa de manera concreta y simbólica, lo que nos hace identificar formas, como en el arte, de subvertir la violencia y el sufrimiento que afectan a estos sujetos.

**Palabras clave:** adolescencia, niñez, juventud periférica, *rap*, violencia.

### **The world of the end for children, adolescents and young**

**Abstract** The purpose of this article is to present reflections on the conditions of children, adolescents and young people in Brazil from the „end of the world“ expression. From the interdisciplinary theoretical framework and the qualitative documentary investigation of six rap songs, it is evident that the violation of fundamental rights acts concretely and symbolically, which makes us identify ways, as in art, to subvert the violence and suffering that affect these subjects.

**Keywords:** adolescence, childhood, peripheral youth, rap, violence.

**DATA DE RECEBIMENTO:** 09/08/2024

**DATA DE APROVAÇÃO:** 26/02/2025



**Daniel Péricles Arruda**

*Psicanalista, rapper e poeta. Professor do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus São Paulo, Brasil. Pós-Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Brasil*

E-mail: [pericles.daniel@unifesp.br](mailto:pericles.daniel@unifesp.br)